

ESPÍRITO AVENTUREIRO

Um dos mais conceituados fotógrafos de natureza do País, Araquém Alcântara começou sua carreira em Santos. Ele fala da paixão pela Amazônia e dos perigos na floresta

Apesar de ter nascido em Florianópolis, Santa Catarina, Araquém diz que a sua verdadeira essência é santista, pois a Cidade foi o lugar onde cresceu e deu os primeiros passos da sua trajetória de sucesso: entre os anos 70 e 80, cursou Jornalismo em Santos e trabalhou na revista IstoÉ e em jornais como *A Tribuna* e *O Estado de S. Paulo*, cobrindo questões ambientais importantes. Hoje, aos 63 anos de idade (praticamente 45 de profissão), ele mora em São Paulo e, enquanto não realiza o sonho de mudar de novo para Santos, faz visitas regulares à Cidade, especialmente nos finais de semana. E garante que tem projetos suficientes para preencher dez vidas. Tanto que continua com pique total planejando expedições fotográficas para registrar as belezas naturais de dentro e de fora do Brasil. Mas, se Araquém tem uma musa inspiradora, ela é a Amazônia, para onde já foi mais de 100 vezes. Aliás, números expressivos assim parecem permear a sua carreira: já ganhou mais de 40 prêmios, fez em torno de 80 exposições (mais de 50 delas individuais) e publicou cerca de 30 livros, com destaque para *Santos* (em homenagem à Cidade) e *Terra Brasil*, obra em que apresenta cliques de todos os parques ecológicos nacionais e

que se tornou o mais bem-sucedido título de fotografia do País nas últimas décadas, por vender mais de 100 mil cópias. Isso sem contar que recentemente foi consultor artístico e fotógrafo de set do longa *Amazônia*, encabeçado pela produtora brasileira Gullane e pela francesa Biloba. A seguir, Araquém, que cedeu algumas das suas imagens para ilustrar a matéria, fala ainda quais são os limites para conseguir uma boa foto.

ARTE O que sente ao olhar para trás e ver tudo o que conquistou?

Vendi todas as minhas imagens na última Bienal de São Paulo e na SP-Arte, mas tenho que assumir que nunca busquei a fama, muito menos imaginei que faria sucesso em vida. Lembro que, quando ainda

estava em Santos, o Paulo Bueno Wolf, irmão da Tereza Bueno Wolf (antiga colunista social de *A Tribuna*), me falou que não ia poder expor na galeria dele porque, como fotografia não era arte, não ia conseguir vender nada. Pensei comigo mesmo: um dia vou desdizer o Paulo e apresentar minhas fotos nos melhores lugares do mundo. Isso está acontecendo. Já expus na França e fiz imagens para a revista *National Geographic*.

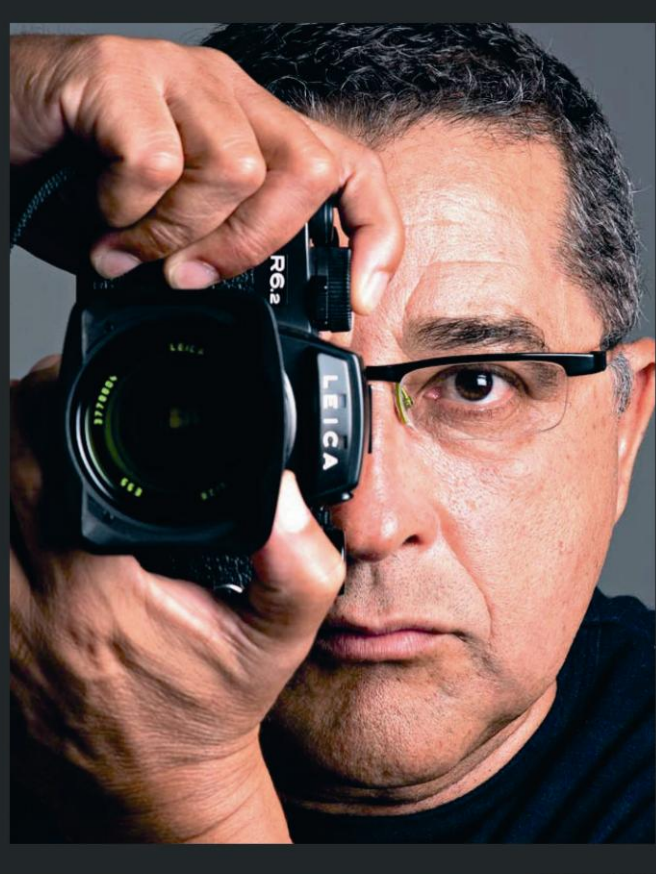
Qual mensagem tenta transmitir com suas fotos?

Minhas imagens têm ideologia, são missionárias. Por meio delas, quero revelar um Brasil profundo e múltiplo. Encaro a fotografia como um caminho do conhecimento, como uma poderosa arma que, junto com outras linguagens, traz transformação, conscientização.

Quando realmente sentiu que seu trabalho ajudou a mudar algo?

Sou um cara de sorte, pois isso ocorreu logo no início da minha carreira. Nos anos 70, cursei Jornalismo em Santos e comecei a atuar na área já aos 18 anos. A princípio, eu escrevia. Acho que faço textos bacanas, só que gostaria de escrever tão bem como tiro fotos. Acontece que demorei dez anos para assumir a fotografia. Algo que contribuiu para essa aceitação foi, em 1980, ter ajudado a mudar os rumos da luta contra a construção de usinas atômicas no Litoral. Atendi no jornal a ligação do ambientalista de Itanhaém Ernesto Zwarg Jr., que costumava denunciar várias devastações na região. Ele disse

“A fotografia é uma poderosa arma, que traz transformação”



que coisas muito estranhas estavam rolando na Juréia e me levou para fazer matérias lá. Foi quando resolvi tirar uma foto do meu pai, que se tornou um dos meus trabalhos clássicos.

O que serviu de inspiração para essa imagem?

Com o auxílio da minha irmã, consegui uma foto dos esqueletos das vítimas de Hiroshima e a emoldurei. Levei meu pai para a Praia do Grajaúna, que seria o ponto central das bases atômicas, e o fotografei segurando o quadro que havia preparado. Como o meu pai era adepto do candomblé, não cortava nenhum pelo. Tinha uma cara meio de Netuno. Na imagem que fiz, ele simbolizava um caçara dando um recado do tipo "Somos pessoas simples, vivemos neste mar e sabemos o que vocês querem trazer para cá". Essa foto virou emblemática, foi parar até na ONU e contribuiu, com outras imagens e matérias, para uma vitória ecológica.

Quando entrou na faculdade, já mostrava alguma tendência para a fotografia?

Não. Tudo começou na faculdade. Numa sessão do Clube de Cinema, que era presidido pelo meu amigo Maurice Legeard, vi o filme *A Ilha Nua*, de Kaneto Shindo. Aquilo mexeu com a minha cabeça. Saí de lá, deixei de ir para uma festa e fiquei pensando: "Poxa, também posso dizer coisas assim, com imagens?!" No dia seguinte, peguei a máquina de uma amiga emprestada e fui tirar fotos, de madrugada, da prostituição no centro de Santos.

Sabia como manusear a máquina?

Que nada! Sou um autodidata total de fotografia. Usei como base, por exemplo, os enquadramentos e outras referências que havia visto em filmes, livros...

AMAZÔNIA Já foi quantas vezes para a floresta?

Mais de 100. A primeira vez foi em 1979, antes do episódio das usinas atômicas no Litoral. Na ocasião, viajei para cobrir a inauguração de uma revenda de pneus da Goodyear numa área perto da Amazônia.

“Fui sequestrado por índios. Eles fizeram a dança da morte para nós”

Um dia, estava sem sono e escutei dois garçons do hotel conversarem sobre uma onça que aparecia na Ilha do Xiborema. Peguei um barco, fui atrás do animal e o fotografei. Consegui vender a imagem para um dos gringos da Goodyear por US\$ 2.500, dinheiro que aproveitei para comprar equipamentos profissionais na Zona Franca.

Foi essa onça que despertou a sua paixão pela Amazônia?

Sim. Ela foi como uma confirmação eucarística. Dali em diante, deixei de ter vínculos empregatícios com

PERIGO Passou por muitos apuros na floresta?

Nossa, por diversos! Sabe, as pessoas pensam que sempre vou com uma logística glamourosa, se prendem ao fato de eu levar a minha cumbuca de uísque, mas ela é só um detalhe. Faço todo um planejamento, levanto um monte de informações. Por exemplo, se quero subir o Monte Roraima, vejo qual é a cidade mais próxima, se há uma tribo indígena na região, qual o melhor período do ano para ir para lá, providencio transporte, compro combustível e comida.

Também analiso com cuidado quem será o meu assistente de fotografia na expedição, além de providenciar um guia e gente para nos acompanhar, carregando as coisas.

Quantas pessoas normalmente vão nessas suas viagens?

Na expedição pobre que fiz, foram quatro pessoas, somente com o básico. Enquanto a rica contou com uma equipe de sete. Levamos, inclusive, vinho e panela de pressão. Imagina um feijão maravilhoso no meio do nada... Quando vou para a Amazônia, fico no mínimo 15 dias. O recorde? Quatro meses!

Qual foi a maior dificuldade que já enfrentou na mata?

Foi ser sequestrado pelos índios caiapós-menkragnotis de uma aldeia no Rio Baú, afluente do Xingu, que estavam bravos com o Ibama, a Funai e a Polícia Federal, porque tinham proibido o garimpo que faziam para faturar uma grana. Eles não plantavam mais, nem caçavam, eram bandidos. Todos andavam armados com pistolas 765 e bordunas grandes. Eu e minha equipe fomos àquela região para fotografar ariranhas e araras, e nos capturaram. Os índios mais velhos começaram a fazer a dança da morte para a gente. O curioso é que não mexeram em nada que carregávamos. Eles nos alimentavam com banana e macaxeira cozida. À noite, eu tinha

os meios de comunicação e fui fazer freelances. De certa forma, já estava em gestação o fotógrafo de natureza, viajante, colecionador de mundos. Afinal, a primeira onça a gente nunca esquece. Hoje, chego a vender minhas imagens por mais de US\$ 20 mil.

A nossa população realmente tem noção da riqueza da Amazônia?

A maioria das pessoas apenas conhece o superficial. Você vai conversar com elas e vê que não sabem quase nada, nem que é uma floresta com vários ecossistemas. O que eu e outros profissionais estamos fazendo é preparar registros da natureza do País para que os brasileiros do futuro corem de vergonha por terem antepassados tão brutais.

pesadelos, de que estava sendo morto a pancadas pela tribo.

Como saiu dessa situação?

Depois de três dias, consegui convencer o cacique a me mandar, com um piloto e dois índios armados, em um avião enferrujado que havia na aldeia para agilizar o pagamento do resgate com o prefeito de Novo Progresso, no Pará. Eles queriam R\$ 1.500, um quilo e meio de pimenta-verde e 150 litros de querosene. Na prefeitura, liguei para o meu amigo Laurentino Gomes (autor dos livros *1808* e *1822*) e pedi para chamar a Polícia Federal. Em 45 minutos, os oficiais chegaram para resolver a situação. Olha outros perrengues que já encarei: fui mordido por animal venenoso, o avião em que eu voava caiu, tive malária e, como o piloto do barco em que eu estava perdeu o controle, precisei pular antes de a embarcação entrar na cachoeira para não me ferir.

Consegue dormir bem na floresta?

Confesso que não sou um cara organizado. Apesar de a perfeição ser uma meta, eu me considero

“Já devíamos ter parado de desmatar a Amazônia há uns 20 anos”

desequilibrado, só que a floresta e a fotografia me harmonizam. E há vários segredos para dormir na mata, que basicamente giram em torno da boa logística. Para se ter ideia, se você tem alguém que sabe montar o acampamento, já é meio caminho andado, pois não dá para erguer as barracas quando a mata escurece – à noite, cobras e outros bichos estão à solta e fica difícil para vê-los, mesmo com lanterna na cabeça. O certo, também, é dormir no alto, em uma rede.

ENGAJAMENTO Vale qualquer coisa para conseguir uma boa foto?

Perco 99% das imagens que faço na floresta, só que o 1% que sobra corrige tudo. Tem mais: não há

necessidade de acrobacias, de matar ou devastar nada. Portanto, não vale qualquer coisa por uma foto de qualidade. Há uns limites éticos aí. Sem falar que o fotógrafo de natureza tem o dever de lutar pela integridade de tais santuários.

Ainda faz expedições com quem quer aprender a fotografar?

Sim. Tem um monte de gente interessada em como cheguei ao sucesso. E um pessoal paga para me ver fotografando e aprender com isso. Logo desmitifico o glamour que rodeia o meu trabalho. Sou alguém que não transparece o que conquistou. Poderia muito bem fazer um tipo, no entanto, estou em outra vibração. Sei o que significa a destruição da Amazônia para a humanidade, porque é algo que acompanho de perto. Um dia, vamos precisar das árvores e da água de lá para reequilibrar o planeta. A Amazônia é um dos mais importantes patrimônios biológicos do mundo e a maior riqueza do nosso País. Já devíamos ter parado de desmatá-la há uns 20 anos. O que a mata oferece tem de ser explorado racionalmente. ●